

OI EM LIBRAS: UM OLHAR SEMIÓTICO PARA O SIGNO “OI” NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Gabriel Campi Rodrigues**

RESUMO

Associado à disciplina de Semiótica das Relações Comunicacionais cursada no programa de pós-graduação em comunicação social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). O objeto deste artigo é o estudo do sinal *Oi* realizado na língua brasileira de sinais (LIBRAS) enquanto signo, através da análise semiótica segundo teoria de Charles Sanders Peirce. Este trabalho busca mostrar a leitura de um signo específico presente no universo léxico da LIBRAS, analisando sua execução gestual e apresentando alguns pontos teóricos da semiótica peirceana. Para isso, são utilizados conhecimentos adquiridos a partir das aulas da disciplina em questão e os estudos realizados através de leituras de autores como Lúcia Santaella e Roberto Chiachiri.

Palavras-chave: Comunicação Social; Língua Brasileira de Sinais; Semiótica.

INTRODUÇÃO

Com base na teoria semiótica de Charles Sanders Pierce, este artigo busca explorar alguns conceitos acerca da realização gestual da palavra *Oi* em Libras, observando os aspectos relacionais e representativos desse signo.

O objeto de aprofundamento deste artigo é desenvolver um estudo semiótico voltado para o universo gestual da Libras, com foco em um signo específico, a palavra *Oi*. Apresentando uma análise desse sinal, o estudo em questão visa compreender essa linguagem viso-espacial através de um olhar interpretativo, verificando seus significados de forma a observar esse signo ação, ou seja, a semiose como fundante do processo de significação.

* Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Mestrando em Comunicação Social, barachel em Relações Públicas. Presidente do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência de São Bernardo do Campo. Membro voluntário da Cátedra Unesco de Comunicação. gabrielcampiro@gmail.com .

Com isso, utiliza-se do método de revisão de literatura (RL), segundo Santaella (1983) e Chiachiri (2010), baseando-se nas teorias da semiótica peirceana estudadas na disciplina Semiótica das Relações Comunicacionais, desenvolvendo nessa linha de pensamento os conhecimentos existentes, do autor desse artigo, sobre a língua brasileira de sinais.

Este artigo se compõe de três partes. A primeira trata o sinal em Libras *Oi* como signo, relacionando a existência deste enquanto mediador entre um real e uma mente interpretadora. A segunda analisa esse signo como um todo, conectando-o com seus correlatos, a fim de aprofundar o estudo da semiótica através de seus conceitos. A terceira ressalta o processo sógnico do sinal gestual realizado em Libras, explorando todo o conjunto desse sinal enquanto símbolo.

UM SINAL QUE É SIGNO

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é uma língua gestual-visual, ou seja, um meio de comunicação que se utiliza de expressões faciais e corporais, de gestos e de sinais em substituição à língua oral. Sendo assim, os movimentos realizados dentro do universo da LIBRAS são sinais que possuem significados individuais em representação de uma palavra, de uma frase ou de uma expressão. Esses sinais, convencionados, servem de mediadores entre o objeto real (o que está sendo representado) e uma mente interpretadora (a pessoa que interpreta o significado). Santaella (1983) define signo da seguinte forma:

O signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele [...]. O signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma coisa (SANTAELLA, 1983, p. 58).

A autora esclarece ainda que, palavras e desenhos podem representar algo, mas não serão necessariamente aquele algo. No caso de um sinal em Libras, ele existe para mediar esse entendimento ou até mesmo ser o próprio o causador do significado. Apresenta-se para essa análise então, o sinal *Oi*. Com todo seu formato, movimento, expressividade e representação, esse sinal, na língua de sinais, reproduz de forma gestual o dizer *Oi*, propriamente

dito por meio de uma linguagem viso-espacial e que tem através da palavra sinalizada dessa língua, um processo sígnico.

Pensemos a língua de sinal como parte de toda uma linguagem gestual (expressões faciais e corporais, movimentos sinalizados e gesticulados). Linguagem esta que está inserida em toda uma cultura que apresenta fenômenos representativos, que tentam produzir significados expressos através dos sinais linguísticos. Em outras palavras, a linguagem gestual apresenta fenômenos culturais e também comunicacionais que nos ajudam a observar e entender o significado dos próprios sinais utilizados na língua de sinal. Santaella (1983) esclarece:

Considerando-se que todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido (SANTAELLA, 1983, p. 12).

Segundo Santaella (1983), há uma ciência que estuda e tem como objeto de investigação todas as linguagens possíveis, e que tem por objetivo examinar a constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significados, A Semiótica. Para ficar mais compreensível, lembremos o que o professor da disciplina cursada, em uma de suas aulas, explicou o que é a semiótica, de forma clara, simples e objetiva: “A semiótica é a ciência da interpretação das coisas”.

Agora que compreendemos que o sinal da palavra *Oi* existente na língua de sinais, é um signo (por ser um gesto que representa um objeto), podemos nos aprofundar em seu entendimento por meio de uma análise semiótica.

O SIGNO OI ENQUANTO PROCESSO

Dentro da análise semiótica, quando estudamos um signo não podemos resumí-lo apenas em sua compreensão única de mediador, pois a ciência da interpretação das coisas vai muito além disso. A semiótica ajuda a entender a mente humana, buscando em uma trilha de conhecimentos os significados que geram todo um caminho. É a partir daí que também se compreende o que é Semiose, pois percebemos que o signo não é somente um signo, e sim todo um processo. Dentro desse pro-

cesso, relacionamos um signo como o mediador entre um real e um intérprete, levando em consideração que essa mediação buscará acessar a mente interpretadora de forma a afetar sua consciência. Em outras palavras, haverá a presença de fenômenos, que auxiliarão na apresentação do ser. Segundo SANTAELLA (1983) “Fenômeno é tudo aquilo que aparece à mente, corresponda a algo real ou não”. Assim, evidencia-se a presença dos fenômenos, que darão subsídios para a análise do signo como um todo. Na fenomenologia, que é o estudo dos fenômenos, encontraremos três categorias formais e universais, chamadas assim por Peirce de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. De acordo com Chiachiri: “Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como ele é, sem referência a qualquer outra coisa. No seu aspecto psicológico, é pura qualidade de sentimento” (2010, p. 30). Sendo assim, é um fenômeno da consciência imediata, aquela primeira impressão que a mensagem provoca na mente interpretadora, portanto não conseguimos fugir dela. A partir disso, analisando um signo, se percebe que sua aparência tem uma natureza, seja uma cor, um cheiro ou uma espessura, e é essa natureza, como tal, tem um grande poder sugestivo. Chega-se, então, ao Quali-signo, uma qualidade que já é um signo. Signo este, com uma propriedade monádica, ou seja, uma pura qualidade que funciona como signo. Toda a realização gestual do sinal *Oi* em Libras, por exemplo, é carregada de quali-signos, desde o movimento e o formato da mão, até a velocidade da execução. Porém, toda essa qualidade, na sua pureza, ainda não representa nenhum objeto. Segundo SANTAELLA (1983) “Ao contrário, ela está aberta e apta para criar um objeto possível”. Para isso, os quali-signos vão consolidar-se em um existente singular, tão logo chamado de Sin-signo. Sua presença se dará quando formos afetados por uma manifestação da instantaneidade, ou seja, por uma reação reportada à nossa consciência. Associado a fenomenologia, teremos então a presença da Secundidade, que segundo (CHIACHIRI, 2010, p. 31).

É o modo de ser daquilo que é em relação a um segundo. Em termos psicológicos, reporta-se à nossa consciência em constante reagir com o mundo. Onde há um fenômeno, há uma qualidade (Primeiridade), mas esta é apenas uma parte daquela que para ganhar uma existência tem de, necessariamente, incorporar-se em um existente, em uma matéria.

Ao ver a realização do signo *Oi* em Libras, uma pessoa pode acabar movimentando a cabeça em concordância com o que está acontecendo,

involuntariamente, como uma reação que começa a fazer uma elaboração cognitiva. Aí se tem a secundidade, e ao ter um evento que funciona como signo, tem-se o Sin-signo.

Após essa reação um sorriso pode surgir, e certamente a mensagem receptiva que um oi pode trazer em sua concepção afirmará seu entendimento. Assim, chega-se à categoria da terceiridade, noção mais simples do signo, que concretiza a percepção e a reflexão das nossas sensações. Através de relações sígnicas, a terceiridade será responsável pela síntese intelectual em relação à primeiridade e secundidade. Nesse momento, quando um signo extrai seu poder de representação, evidencia-se o Legi-signo. Uma lei que é signo. Santaella (1983, p. 67) esclarece:

Sendo uma lei, em relação ao seu objeto o signo é um símbolo. Isto porque ele não representa seu objeto em virtude do caráter de sua qualidade (hipoícone), nem por manter em relação ao seu objeto uma conexão de fato (índice), mas extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto.

Com essa base de informações pode-se aprofundar uma análise semiótica específica do signo *Oi*, realizado na língua brasileira de sinais. Para isso, é necessário entender que quando se estuda esse signo, assim como qualquer outro, precisa-se compreender que na verdade tudo é signo, desde que este afete uma mente interpretadora.

O CONJUNTO DO SINAL

Como qualquer outra língua existente, a língua de sinais tem uma estrutura morfológica, de sintaxe, semântica e gramatical completas. E da mesma forma que não é possível separar a gramática de uma língua oralizada, não há como desenvolver a utilização da Libras sem aplicar a sua própria gramática. Saber se comunicar através da língua brasileira de sinais não é saber a sua gramática, mas conhecer esse recurso é conhecer as normas desse idioma gesto-visual, compreendendo como sinalizar de maneira mais eficaz e coerente. Tal compreensão está estreitamente relacionada ao alfabeto gestual. Um único sinal pode representar uma palavra, uma expressão ou toda uma oração, mas muitas outras são transmitidas através de poucas letras, que possuem o poder de abreviar ou de reproduzir direta e indiretamente diversas frases. Às vezes, são palavras sinalizadas literalmente de forma escrita, como é o caso da palavra *Oi*.

O *Oi* em Libras é dito com uma única mão, geralmente com a direita. Inicia-se com o sinal da letra “O” (indicador, dedo médio, anelar e mindinho curvados em direção ao polegar, criando um formato de círculo com a mão) com o braço curvado para a esquerda, realizando o movimento de baixo para cima e para a direita fazendo um meio círculo. Nesse processo, no meio do movimento, faz-se o sinal da letra “I” (Mão fechada com apenas o dedo mindinho erguido) até chegar ao lado direito do corpo. Carregado de signos, essa semiose nos traz todo o conjunto do sinal, em outras palavras, o símbolo. Sinal que será reconhecido para determinado público sem uma explicação profunda. Mas o mais importante não é apenas saber o que o signo significa, e sim, entender o que ele causa ou causará em um receptor. Para isso, precisa-se analisar qual objeto está sendo representado e qual a ação do signo nessa representação.

Durante uma aula da disciplina cursada, o professor sintetizou de forma direta essa questão: “O Signo tenta sempre representar alguma coisa, seu objeto. Ele representa seu objeto, mas não em todos os seus aspectos”.

Uma citação de PIERCE (1974) complementa:

Um signo intenta representar, em parte, pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo que o signo represente o objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente de tal modo que, de certa maneira, determina, naquela mente, algo que é imediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo e da qual a causa mediada é o objeto pode ser chamada de interpretante.

O termo interpretante é utilizado, então, para designar tudo o que é criado dentro da mente interpretadora, que tem um signo como ponto de partida. Um signo por sua vez, segundo teoria peirceana, tem dois objetos: o dinâmico e o imediato. Sendo respectivamente objeto em si próprio e aquele objeto tal como está representado. Portanto, na análise do signo *Oi*, o objeto imediato seria o movimento que as mãos estão fazendo, enquanto o objeto dinâmico é o que quero dizer ao realizar aquele movimento, aquele sinal em Libras. Se de tudo isso, o que o interprete entende vem por meio do interpretante, precisa-se explorar esse conceito.

De acordo com Chiachiri:

O signo tem também três interpretantes: imediato, dinâmico, e final, isto é, “o interpretante enquanto representado, para ser entendido, o interpretante enquanto produzido, e o interpretante em si próprio” (Pierce, 1974 *apud* CHIACHIRI, 2010, p. 35).

Ou seja, o interpretante imediato é o potencial que o objeto imediato tem para gerar interpretantes dinâmicos, portanto o potencial do que eu quero dizer ao executar o movimento do signo *Oi*. O interpretante dinâmico é o que se entende daquele movimento realizado e o que se entende ao ver a forma como a mão está se mexendo. Já o interpretante final é o querer ser entendido, em outras palavras, o que eu espero que o intérprete gere em sua mente, o que eu espero “causar” na cabeça do intérprete ao realizar aquele signo na língua de sinais.

Sendo o interpretante imediato tudo aquilo que o signo está apto a criar em uma mente interpretadora, o dinâmico será o que o signo efetivamente produz em cada mente. Desse modo, segundo o professor “o interpretante dinâmico pode se manifestar sob três aspectos: emocional (em forma de qualidade de sentimentos sonoros, visuais...), energético (quando há certo esforço, uma surpresa, causado em uma mente), e o lógico (uma regra interpretativa daquilo que forma na mente)”.

Como já mencionado, o sinal *Oi* em Libras é composto pela junção de dois símbolos, duas letras, o O e o I. Esse conjunto somado a toda sua execução é um signo que se assemelha à palavra *oi*, e essa semelhança ao objeto é o que chamamos de ícone. Ainda na disciplina cursada, o professor explica que “O ícone são coisas que se assemelham ao objeto, sugerindo o que é algo. O retrato de uma pessoa que não conhecemos, uma maquete ou um simples desenho”. Com toda essa análise do movimento e realização do sinal *Oi*, percebemos que sua existência pode indicar algo e também pode causar alguma reação. O que ele traz e os indícios presentes, como por exemplo, saber que está se iniciando uma conversa em Libras, é o que podemos chamar de índice. Sendo ele o signo em si. Decerto, qualquer produção do fazer humano seria um índice, mas só funcionará como signo se houver uma mente interpretadora para firmar uma conexão. Segundo SANTAELLA (1983):

O índice como real, concreto, singular é sempre um ponto que irradia para múltiplas direções. Mas só funciona como signo quando uma mente interpretadora estabelece a conexão em uma dessas direções. Nessa medida, o índice

é sempre dual: ligação de uma coisa com outra. O interpretante do índice, portanto, não vai além da constatação de uma relação física entre existentes. E o nível do raciocínio, esse interpretante não irá além de um dicente, isto é, signo de existência concreta (SANTAELLA, 1983, p. 66).

Quando um signo produz na mente de seu intérprete uma associação de ideias, ele se torna um símbolo. O signo *Oi* é um símbolo quando se refere ao seu objeto em virtude de uma lei. Todo o conjunto desse sinal linguístico será reconhecido para um determinado público sem explicação profunda, para eles o sinal *Oi* significará oi e tudo que advém desse oi. “É evidente também que o símbolo, como lei geral, abstrata, para se manifestar precisa de réplicas, ocorrências singulares. Desse modo, cada palavra escrita ou falada é uma ocorrência através da qual a lei se manifesta – Símbolos crescem e se disseminam, mas eles trazem, embutidos em si, caracteres icônicos e indicais” (SANTAELLA, 1983).

Na língua brasileira de sinais, o que seria do sinal *Oi* sem seu caráter icônico, ou seja, sem seu diagrama sintático ou sua estrutura morfológica? É justamente esse caráter do signo que nos leva a compreendê-lo. O que seria desse e outros sinais pertencentes a língua de sinais sem seus índices de referências? Essas características estão presentes no símbolo e o que lhe dá poder para funcionar como signo é a exata questão de que ele é condutor de uma lei de representação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se desenvolver uma análise semiótica voltada para o universo gestual da língua brasileira de sinais focando especificamente no sinal *Oi*. Ao tratá-lo como signo, pode-se entender melhor essa linguagem viso espacial que a Libras possui, através de um olhar interpretativo, baseado em alguns conceitos da semiótica peirceana. Quando se trata de semiótica, certamente ainda há muitos outros conceitos que se pode analisar e utilizar como ferramenta de estudos dos signos. Entretanto, mesmo que observado superficialmente, ao verificar alguns significados do signo, é certo dizer que o entendimento de seu funcionamento e sua atuação enquanto processo se torna mais clara e compreensiva.

A análise do signo *Oi* apresentada nesse artigo visou contribuir com a compreensão de que a língua de sinais está inserida em uma linguagem de significados. Linguagem esta que evidencia a presença da semiótica enquanto

ciência, uma vez que ela claramente auxilia o caminho de entendimento da mente humana, ajudando-a em suas interpretações.

Com algumas explicações conceituais e esclarecimentos correlatos à realização do sinal *Oi*, percebeu-se que o fazer entender de um signo vai além do seu simples significado. O que ele pretende causar em uma mente interpretadora, o que vai causar e o que causou é o que realmente contribui para um aprendizado investigativo e prazeroso, possibilitando um estudo mais próximo do que realmente está acontecendo em todo o processo de significação.

Ao identificar o sinal *Oi* como um signo, foi possível relacionar a existência deste enquanto um mediador entre um objeto real e uma mente interpretadora, ressaltando o processo sógnico desse sinal gestual e o conectando com seus respectivos conceitos semióticos. Ao explorar esses conceitos, conseguiu-se compreender todo o conjunto do sinal percebendo-o enquanto símbolo que ele representa.

O conhecimento prévio do autor sobre a língua brasileira de sinais deu base para os estudos e análises deste artigo, porém sua composição estrutural de entendimento deve-se em grande parcela a revisão de literatura dos autores Lucia Santaella (1983) e Roberto Chiachiri (2010).

REFERÊNCIAS

- CHIACHIRI, Roberto. **O poder sugestivo da publicidade: uma análise semiótica**. 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- PEIRCE, Charles Sandres. Escritos Coligidos, selecionados e traduzidos por Armando mora D'Oliveira e Sérgio Pomerangblum. São Paulo: Abril Cultural, vol. XXXVI, 1974.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.